

A RAINHA VIRTUAL

Vinício Carrilho Martinez*

Inicialmente, gostaria de acentuar que busquei distinguir a idéia de rede, no sentido genérico da utilização da Internet, por um motivo básico: a idéia de rede como construção e consecução do desenvolvimento do conhecimento é uma noção *bíblica* - daí as referências ao neolítico e ao taoísmo, isto é, trata-se de uma característica humana, da filosofia oriental antiga à ciência moderna, e não um mero evento da *última onda tecnológica*.

O que, por sua vez, também se relaciona ao conceito do maniqueísmo e aos modelos cibernéticos ou piramidais, pois a idéia de rede exige contínua movimentação, expansão dos próprios limites e objetivos, além de não coadunar com as referências clássicas da hierarquia. E também justifica o tratamento de um tema correlato, como os direitos humanos, porque na idéia de rede em que construímos o conhecimento também construímos valores. Ou melhor, de acordo com o sentido aqui empregado, de nada adianta uma educação tecnológica sem que valores básicos e preliminares estejam postados na formação das coletividades.

Assim, a construção em rede de um pensamento político e pedagógico constituiu parte do mesmo objetivo; pois, se estão na rede, estão interligados. Portanto, são valores que podem encontrar na net um amplo meio de reconhecimento, difusão e defesa, sem que a tecnologia implique o não-reconhecimento dos clássicos, em termos de análise e de valores. Etimologicamente, *virtus* (virtual) e *virtù* - o valor da política, em Maquiavel - tem a mesma raiz (Martinez, 1999).

* Doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, é professor voluntário do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Campus de Marília, e professor de Teoria Geral do Estado, no curso de Direito, junto à Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, em Marília-SP.

Essa idéia sinaliza a proposta de que podemos tratar os clássicos de outra maneira que não a dualista e sim de forma mais criativa, como a que se experimenta a partir da própria idéia de rede. Além de reforçar a noção de que a rede ou o rizoma são construções efetivamente humanas e não um pensamento que decorre da Internet. Enfim, é o humano, o virtual por excelência, mais a busca do que o encontro e, ainda que motivado ou não pela virtude e imbuído de eficácia, é um meio (dada sua *imperfeição*) e não um fim a todo custo:

Um rizoma não começa e nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e... e...” (...) Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duras margens e adquire velocidade no meio. (Deleuze, 1995, p. 37)

Em suma, o virtual é eficaz, no sentido da busca do poder ou, talvez mais exatamente, busca do poder de transformação e não necessariamente de exclusivo domínio como se viu desde Maquiavel. Portanto, o virtual talvez seja simplesmente político e, se assim é, cabe uma relação pedagógica entre aprender e apreender o significado das relações políticas. Noção que retoma a possibilidade da política - na net e fora dela - ser pautada pela tolerância e respeito aos direitos humanos, como valores de transformação e não mera aquisição. E mais do que um jogo demonstrativo de semântica, têm-se a mesma intencionalidade de busca pela eficácia. Essa é a raiz que unifica as três dimensões humanas: sentimento, razão e ação.

No contexto atual, nesse caminho tortuoso dos clássicos à pós-modernidade (e, às vezes, vice-versa), tudo volta a passar por uma subjetividade insaciável e inumerável, por um olhar curioso. Pois só se é curioso diante do *outro*; do contrário, tem-se a *mesmice*. Por exemplo, a incerteza, insegurança e instabilidade presentes na propagação moderna da ciência e da tecnologia que nos teria instado ao fim da trégua e do repouso. É como se só restasse o chamado à responsabilidade política diante do desenvolvimento científico e tecnológico.

Virilio dirá que esse espaço - entre o visível e o invisível, o repouso e o movimento - será ocupado justamente pelas tecnologias virtuais (a sensação de um *presente permanente*): “Quanto mais os telescópios forem aperfeiçoados, mais estrelas surgirão’ escrevia Flaubert (...) Uma vez que tal profusão de dados só pode ser analisada pela informática, a separação entre o sensível e o inteligível aumenta cada vez mais” (1993, pp. 32-25). Essa separação resulta da ciência e da tecnologia, o que é um fato; agora, se é boa ou má, é impossível dizer, ou melhor, é boa e má – é virtual. Mas não há retorno, nem retórica, só eficácia e transformação, impondo evidentemente um outro sentido e significado político e pedagógico para o bem e para o mal.

Um adendo à questão metodológica

Penso que uma abordagem da Internet – ou da idéia da rede como propulsora do conhecimento e da prática política, com a Internet como expoente – tem de levar em conta esses dados. O que, por um lado, garante maior abrangência e possibilidade de disseminação de uma nova perspectiva inclusive pela Internet, garantindo também um crescimento horizontalizado de alguns pressupostos políticos e técnicos que se visualiza na net. E, por outro, exige a tentativa de não perder o fio de condução do trabalho, nas generalidades que são fartas na mesma rede.

Isso nos leva a pensar em certos crescimentos verticalizados em que buscamos aprofundar alguns temas, como: definição

conceitual do que é o virtual e sua inter-relação com outras ciências e modalidades metodológicas. Penso aqui no caso dos bricolé de Lévi-Strauss e nas práticas de *serendipidade*, enquanto recursos de pesquisa e descobrimento amplamente utilizados pela ciência aplicada, além da própria interação técnica e prática da proposta teórica de uma *rede de cidadãos*, em sites de fácil visualização e manuseio por parte do usuário menos adaptado ao meio virtual (como se vê em <http://demo.meex.com.br>). Bem como a demonstração teórica de que iniciativas que levem em conta valores humanitários devem ser pensadas no formato da rede, e o exemplo é a idéia de uma rede escolar de direitos humanos. Ou seja, pensando na formação integral dos sujeitos, é que chegaremos a aprofundar práticas democráticas, criativas e humanitárias, na vida social e na própria interface com o virtual.

Certamente não é o objetivo do artigo, uma vez que não coloquei o desafio de construí-lo de acordo com a metodologia do rizoma de que fala Deleuze. Mas talvez possa reforçar o enunciado, constante do corpo do resumo, no qual os temas são articulados em fases diferentes e com objetos aparentemente distantes, mas que constituem um conjunto amplo de espectros. Para tanto, utilizo a imagem dos *platôs* em oposição à construção linear:

Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior (...) Por exemplo, uma vez que um livro é feito de capítulos, ele possui seus pontos culminantes, seus pontos de conclusão. Contrariamente, o que acontece a um livro feito de “platôs” que se comunicam uns com outros através de microfendas, como num cérebro? Chamamos “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar a es-

tender um rizoma (...) Cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro. (Deleuze, 1995, p. 32-33)

De certa forma, é do mesmo modo que penso em um site específico (<http://demo.meex.com.br>) e em sua articulação com os temas aqui tratados, uma vez que está propenso a uma operacionalidade própria, prática, técnica e política, ao mesmo tempo em que constitui uma possibilidade de realização dos mesmos temas, de sua visibilidade e demonstração prática. Nesse site, por exemplo, as questões de múltiplas escolhas e o link para a formulação dos projetos de lei sintetizam a proposta da Democracia Radical Virtual, assim como o questionário (questões dissertativas) entrelaça as principais preocupações teóricas presentes no próprio objeto da Democracia Radical Virtual. Daí que se a rede não tem futuro pré-configurado, então, é portadora de instabilidade e incerteza. O que não significa falta de projetos; pois, ao contrário, impõe um projeto radical de superação no virtual:

Há portanto o virtual, e o processo de medição (de observação) apenas projeta este virtual num dos seus estados. Mas o virtual vai além da noção de estado, já que o estado é um momento do virtual, uma configuração, da mesma forma que os modos de vibração não dão conta do movimento da vibração: são números extraídos do contínuo. (Dentin, 1993, p. 137)

Mas, como sabemos, a questão é originária e, portanto, persiste como memória que não cede à rigidez do tempo: o modelo cibernético está em nosso cérebro, do lado direito e esquerdo do córtex, no certo e no errado, no belo e no feio etc. É o mesmo modelo informático-social que acompanha a história da informática e que já ocupou destaque na concepção da rede:

Uma rede é constituída por um conjunto de conexões (os neurônios) ligadas entre si por intermédio de nós (as

sinapses). Um tal sistema possui uma entrada e uma saída que permite codificar informações: cada nó (ou sinapse) pode assumir, no caso mais simples, dois valores, correspondentes ao estado ativo ou inativo (O ou 1). Pode-se assim representar um dado inicial como uma lista de zeros e uns. A estrutura interna da rede (a 'caixa preta') comporta um certo número de unidades escondidas (sinapses e neurônios) (...) Se a relação entrada/saída é incorreta, há certamente um erro de programação, um bug (...) a imagem característica é aquela do papel de formulário contínuo que se desenrola à medida que a impressora progride. (Dentin, 1993, pp. 140-1)

E o problema é que os mais ajustados à segurança da organização doutrinária, os sistemáticos, quando se encontram sem a referência prévia, o conceito pré-datado (e, no limite dos sistemas fechados, com o erro, o *bug*), vêm-se desiludidos, trocando a centralidade por confusão. Repare-se que os mais velhos preferem a certeza e o domínio dos clássicos. Porém, hoje, será preciso criar com eles, a exemplo de uma Sociedade Civil Virtual que tenta juntar Rousseau e a pós-modernidade, um projeto de soberania popular através da participação eletrônica - refazendo-se intermitentemente - na qual o usuário consciente atua como cidadão produtor de mensagens livres, e que, somadas às demais, imprimem um novo coletivo. Produzindo-se uma vontade coletiva que não é mera somatória de intenções individuais, a menos que fosse uma soma infinita porque: "A informática se tomou uma nova 'pele', gerindo as nossas relações com o nosso meio" (Lévy, 1993b, p. 256).

Assim, o que diferencia o conceito do virtual das análises provindas do liberalismo/individualismo é que o usuário, o fractal da net - com sua interface e interação -, não é um mero campo em branco a ser preenchido. Não é uma tábula rasa (Locke). Na tecnologia política, o fractal é um ponto de convergência e dispersão. E o cidadão fractal um pólo de emissão/recepção não-hierárquico.

Enfim, falou-se isso tudo para dizer que no princípio da rede, ao contrário das outras mídias, o usuário é um emissor de mensagens, não só receptor, e que a expansão (fractalidade) da consciência depende do coletivo e não da censura, porque a rede é um meio aberto. Como se vê, sob o prisma da Ciência Cognitiva, em que se têm nas redes neurais o salto coletivo - típica de uma demonstração *fractal*,

nas redes neurais é essa concepção do texto e da leitura que é subvertida: é em geral impossível definir a função de tal ou qual unidade escondida específica, e apenas globalmente o sistema comporta um sentido (...) A passagem do local ao glocal numa rede corresponde a um salto qualitativo (...) Por essas razões, a apreensão do virtual não poderia escapar à economia de um pensamento do emergente. Trata-se de uma questão essencialmente política (Dentin, 1993, p. 141).

Mas, deve-se frisar, a tranquilidade do cidadão fractal (o uno que se multiplica na rede, sem perder a identidade) repousa no trabalho persistente. Pois: “A rede jamais pensará em seu lugar...” (Lévy, 12 abr 1998). De nosso trabalho resulta nossa capacidade *virtual*. Isto é, nossa capacidade política e pedagógica de pensar a tecnologia, de articular o real vivido - individual e/ou coletivamente – transforma a rede no *pharmakon* da mesmice. Por fim, concluo, o artigo esteve centrado em duas bases: distinguir a concepção da *idéia de rede* – como uma possibilidade não maniqueísta de formulação do conhecimento pedagógico e político – da atual utilização da Internet; e demonstrar que o meio virtual é propício à difusão de práticas e valores humanitários e democráticos.

Referências Bibliográficas

BENEVIDES, M. V. de M. Educação para a democracia. *Lua Nova, Revista de Cultura e Política*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, n° 38, 1996.

DELEUZE, G. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DENTIN, S. O virtual nas ciências. In: PARENTE, A. (org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

KANT, I. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1990.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993^a.

_____. Os perigos da “máquina universo”. In: PESSIS-PASTERNAK, G. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993b.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Um sistema auto-regulador: a internet tem sido capaz de criar mecanismos próprios de controle das informações*. Folha de São Paulo, 12 abr. 1998. Caderno 5, p. 3.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe - Maquiavel: curso de introdução à ciência política*. Brasília-DF : Editora da Universidade de Brasília, 1979.

MARTINEZ, V. C. A rede e a virtualização da política. *Cadernos da F.F.C. (Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP) - org. Marcos Del Roio – Marília*, vol. 8, n° 2, 1999, pp. 165-174.

PAZ, O. *Um chinês contra a tirania*. Folha de São Paulo, 21 abr. 1998. Caderno 4, p. 8.

PRIGOCINE, I. *Carta para as futuras gerações*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 2000 30 jan., p. 06.

SOUZA, J. de. *Paixão pelo poder ficou à frente da saúde*. Folha de São Paulo, 21 abr. 1998. Caderno 1, p. 10.

TAO TE KING: *o livro do Tao e sua virtude: versão integral e comentários, de Lao Tsé*. 2ª ed.). São Paulo: Attar, 1995.

VIRILIO, P. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

RESUMO: Em um breve período, o artigo pode ser assim resumido: o debate sobre a transversalidade na educação, necessariamente, deve incluir *a idéia de rede e o* debate tecnológico sobre a Internet: como meio, instrumento e ferramenta que melhor expressa a própria idéia de rede. O que revela seu caráter político, na medida em que é um meio democrático por excelência - *somos todos produtores de mensagens e não meros receptores* -, e pedagógico; pois tanto a idéia de rede quanto a Internet acenam para a construção coletiva do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento, rede e política.

ABSTRACT: This article can be briefly resumed as: the discussion about transversality in education necessarily has to include the idea of Net and the technological debate about the Internet, as a means, instrument and tool that express the idea of Net in its best. It reveals its political characteristic, as it is a democratic means par excellence – we all are message writers and not only message receivers - and its pedagogical characteristic too because not only the idea of Net but also of Internet indicate the collective construction of knowledge .

KEYWORDS: Knowledge, net , politics.